

**Chico Buarque, 80 anos**



Por **ROGÉRIO RUFINO DE OLIVEIRA\***

*A luta de classes, universal, particulariza-se no requinte da intenção construtiva, na tônica de proparoxítonas proletárias*

Noel Rosa e Tom Jobim tiveram um filho juntos, nascido e criado artista depois de *Chega de saudade*. Cresceu e, ao reinventar a saudade, que não se traduz, escreveu que “dói como um barco, que aos poucos descreve um arco, e evita atracar no cais”. Exceto nos livros de ficção, quase não fala fora da canção, nunca deixa sobrar palavra dentro dela.

Seu conservadorismo formal construiu empreendimentos excelentes com coerência ideológica anticonservadora. Com sutileza crônica, pôs tijolo com tijolo num desenho lógico, mágico e à esquerda. Alta literatura fraseada em assovio, caymmolente, de modo a fazer o pé de MPB parte constitutiva dessa estatura. Está no verbete “canção brasileira” para o mundo como o cume do exemplo convencional. Sua sorte, Bob Dylan, é que ele fala português.

Guri, Pivete e Geni. Palhaços, ciganos e trabalhadores assalariados. Inúmeros pretos com paus enormes em Caravanas, Mar e Lua, funcionário e dançarina. Ninguém duvida do que é capaz a suposta gay que mistura baião e rock. Biscate, Sinhá, As atrizes e a Beatriz. Elza Dura na queda. Dondocas, Ode aos ratos, A Rita e Futuros amantes. Até mesmo Manuel e Miguilim. Nina lá de Moscou, nhonhô histórico dentro do blues, O caderno. Juntos com outros tantos, sob as bênçãos artísticas das Mulheres de Atenas, não moralizam seus modos de representação. São arteiros, possuem modos de arte. Justamente por isso o período atemporal provavelmente os conservará.

Em briga de marido e mulher, a crítica social mete a língua e juntos fazem canções de amor a três. Um dia, nos anos 1990, um casal viajou de avião pela globalização neoliberal algo real, meio onírica, sem muita consistência do que ocorria pelos ares, passeio com sentido e sentimento rarefeitos, mas não a batida do tango, definida, certa de que Sonhos, sonhos são.

A luta de classes, universal, particulariza-se no requinte da intenção construtiva, na tônica de proparoxítonas proletárias em movimento e disciplina ou, via anagrama, com Iracema pós-romântica lavando o chão da América colonial. Certo espírito do tempo com quatro faces, Carlos Drummond, Manuel Bandeira, João Cabral e Cecília Meireles, soprou pelo caminho uma brisa que é coesão de época, tudo foi como foi, e para ele ainda é, também por conta desse desmedido quadro.

Assim o país se equilibra: se sua contraparte experimental, alegria alegria de Santo Amaro, tem pronta em canções-ensaios uma teoria social brasileira, ele, que é filho de sangue do ensaísmo canônico, teorizou contista à cantoria. Interpreta a si mesmo como ninguém, parece que não interpreta.

Seu poema faz assim, “Meu coração, que você sem pensar / Ora brinca de inflar, ora esmaga / Igual que nem fole de acordeão / Tipo assim num baião do Gonzaga”, quando faz assim. Vida e obra constrangedoras de toda afetação. Pedro Pedreiro, com 21 anos daquele jeito, chocou ao não mentir a idade.

“Que tal um samba?”, o último gesto por enquanto, é convite para o que propõe a acontecer, mas, enquanto convida, o barulho dos fonemas encadeados já realiza em ato, sem confessar, o que sugere para depois. A palavra dada, não literal, não está dada. Se faz no agora, mas não imediata, faz de conta no som pelo fato de ser música ao mesmo tempo que palavra. Aliás, a palavra é carne e motivo da música. O ouvinte-convidado que escuta as consoantes é envolvido por elas. Antes de dizer se aceita ou não o invite, percebe-se no meio da roda de samba instrumental de timbres dependentes da técnica da aliteração e ao mesmo tempo autônomos dela quando iluminados pelo resultado produzido.

Faz cumprir o que disse: “Aprendi que melodia e letra podem, e devem, formar um só corpo e procurei frear o orgulho das melodias”. Seu traço tem a data do século XX. É delicado, imaginativo e amoroso com o engenho. Avança com o passado futuro afora enquanto sobrevoa discreto, como presente, o estado do tempo pelo qual alcança seus 80.

*\*Rogério Rufino de Oliveira é professor de literatura e doutorando em Letras na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).*

---

**A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.**

**Ajude-nos a manter esta ideia.**

**[CONTRIBUA](#)**